

LUGARES

CÂNDIDA SILVA-JOQUIM *

Lugares são regiões espaciais concebidas como extensas ou como pontuais, instauradas pela atribuição sistemática, através de uma função de vizinhança local, de uma relação entre pelo menos dois objectos, um dos quais apresenta uma localização relativamente estável no tempo.

Os objectos físicos são passíveis de uma localização espacial, e os eventos e os estados, de uma ordenação temporal. Os objectos podem apresentar uma localização estática ou uma "localização em movimento". Neste caso o objecto desloca-se fazendo um percurso durante o qual pode ser localizado em qualquer ponto (i.e. lugar) do trajecto: inicial, medial ou final. As localizações pertinentes são porventura no início e no fim do percurso.

Todo o objecto ocupa um espaço relativo à sua extensão e dispõe de áreas adjacentes dentro das quais é possível interagir com ele¹ — e aí determinar diferentes regiões-de-vizinhança instanciando lugares. As expressões de localização podem reportar-se às relações que se estabelecem entre os lugares ou às que se estabelecem entre os objectos. Seguindo Wunderlich 1982 optamos pela segunda. Não cabe agora aqui fazer a justificação empírica desta decisão (Percepção visual).

Cabe às preposições e aos advérbios espaciais, e aos casos nas línguas em que os há, a expressão linguística destas relações².

As preposições espaciais apresentam geralmente três classes, conforme os parâmetros espaciais que lhes estão subjacentes: preposições

*Universidade de Lisboa

¹ Cf. MILLER e Johnson-Laird 1976 e WUNDERLICH 1982.

² SOARES BARBOSA na sua GRAMMATICA PHILOSOPHICA, cuja 1.^a ed. é de 1822, já caracterizava assim as preposições:

"O primeiro destino das preposições foi indicar as relações entre os objectos sensíveis por ordem ao lugar que ocupam em um espaço, ou ao movimento que no mesmo fazem."

topológicas, direccionais e trajectoriais — uma determinada região, a marcação de uma direcção, dimensão ou perspectiva, a representação de um trajecto.

As expressões de localização ocorrem geralmente sob a forma de sintagmas preposicionais cujo núcleo lexical é constituído pela preposição. Esta apresenta como complemento regido geralmente um sintagma nominal³. No caso dos advérbios, a relação de complementaridade está implícita: as entidades são dadas contextualmente (ligação existencial). Os advérbios são, quanto à semântica, relacionais *c*, quanto à sintaxe, expressões de 1-lugar, i.e, preposições intransitivas como, entre outros, JACKENDOFF 1977 e WUNDERLICH 1984 os classificam⁴.

Uma expressão de localização apresenta pois uma relação entre o objecto a localizar (*x*) e um espaço (*p*) determinado em relação a um outro objecto (*y*), objecto de referência, num tempo (*t*), num mundo (*m*), (WUNDERLICH 1982; aqui apresentado informalmente). O significado da preposição é assim concebido como relação de localização entre o argumento externo (que corresponde a *x*, o objecto a localizar) e a região que se obtém quando se aplica a função constitutiva da região ao argumento interno da preposição (correspondente a *y*, o objecto da referência)⁵.

As preposições topológicas são as que melhor traduzem a localização. Descrevem configurações de objectos, localizando um ou mais deles, numa região específica para a respectiva preposição, a qual pode ser caracterizada topologicamente⁶ como região de vizinhança de um outro objecto (objecto de referência) ou de uma constelação de objectos:

- O livro está na estante.
- Os sapatos estão no armário.
- O material está nas prateleiras.

- Das Tuch ist im Koffer.
- Der Brief liegt auf dem Tisch.
- Das Auto steht bei der Kirche.

³ Há Ps que podem reger SPs; cf. CUNHA E CINTRA 1984:115 e Mateus *et al.* 1983: 306-307.

⁴ Tal como SOARES BARBOSA anunciava:

"ADVERBIO não é outra coisa mais do que uma redução, ou expressão abreviada, da preposição com seu complemento em uma só palavra indeclinável."

⁵ Para a distinção entre argumento externo e argumento interno, Cf. WILLIAMS 1981.

⁶ O termo vizinhança ocorre em Lopes 1972: 136. Nesta obra são pela primeira vez tratados fenómenos linguísticos tomando por base conceitos da Topologia.

Significado e usos de algumas preposições topológicas:

1. O avião vai a Lisboa e (depois) segue para o Porto.
2. A Rosa vai (todos os dias) ao correio.
3. A Rosa vai (todos os dias) para o correio.

Em 1. os SPs A LISBOA e PARA O PORTO são de ocorrência obrigatória devido à subcategorização operada pelos verbos de movimento de que estão dependentes, IR e SEGUIR, e constituem um dos argumentos do respectivo verbo. Em 2. e 3. passa-se o mesmo com AO CORREIO e PARA O CORREIO.

Trata-se sem dúvida de uma localização. Mas que espécie de localização? Que lugar? Qual é a distinção que podemos encontrar entre os lugares denotados por A e os denotados por PARA? Em ambos os casos se trata de localizar um objecto (x) que, no tempo (t), se encontra na região de vizinhança (p) do objecto de referência (y).

4. O gato está deitado à janela.
5. *O gato está deitado para a janela.

Se continuarmos o teste verificamos que os verbos de posição podem aceitar a preposição A mas não aceitam a preposição PARA ou, pelo menos, o resultado é uma expressão marcada.

6. O Luís mora à beira-mar.
7. O Luís mora para a beira-mar.
8. A Guida mora à Lapa.
9. A Guida mora para a Lapa.

mas:

10. A Joana mora à esquina.
11. *A Joana mora para a esquina.

E não são aceitáveis, também, expressões como:

12. *A Ana mora ao Porto.
13. *A Fátima mora ao 1.º andar.

Estes factos prendem-se, por um lado, com a semântica dos verbos de posição e, por outro lado, com as características espaciais dos respectivos objectos de referência, que não iremos tratar aqui. As considerações que a esse propósito formos tecendo serão unicamente as que se apresentarem como necessárias para a continuação da análise das preposições.

Gruber (1965) e Jackendoff (1972) caracterizaram semanticamente os argumentos dos verbos, considerando a existência de funções temáticas (funções/papéis-0). Os verbos de posição apresentam como argumento uma "locação" (place) e os verbos de movimento, um argumento de "origem" (source) e/ou de "alvo/meta/destino" (goal). Outros autores apresentam análises semânticas que operam com componentes semelhantes embora com diferente enquadramento teórico (Fillmore, Dik, etc). Não é intenção discutir neste momento as diferentes abordagens.

Uma função temática só pode ser atribuída uma única vez. Benett (1975) apresenta um outro papel-8: "caminho" (path) e, mais tarde, Jackendoff vai usar abundantemente "path" (embora naturalmente com diferente estatuto teórico) para descrever semanticamente algumas expressões espaciais.

Wunderlich entende "caminho" como uma sequência de lugares: um objecto é possível ser localizado durante um "caminho" em diferentes sub-espacos desse mesmo "caminho". Ou ainda, o "rasto" de um objecto em movimento constitui um caminho do qual é possível determinar partes.

O problema que constituem as expressões de localização complexa, ao apresentarem aparentemente várias funções temáticas idênticas, como no exemplo ⁷, já clássico, apresentado por Fillmore

14. He walked down the hill across the bridge through the pasture to the chapel.

pode, portanto, ser tratado de outra maneira, que consiste na atribuição de uma única função semântica "caminho" e na marcação da localização em várias instâncias sequenciais (lugares) desse "caminho".

Voltando agora às preposições A e PARA, e tendo presente as posições teóricas anteriormente enunciadas, consideremos mais algumas ocorrências:

15. A Vera foi pelo teatro...
16. A Vera foi ao teatro.

⁷ Cito de memória.

O verbo IR é um verbo de movimento e, portanto, apresenta como argumento-local um "caminho". O argumento-caminho, em geral, só se manifesta especificado parcialmente num ou em vários lugares. Os que ocorrem mais frequentemente são sem dúvida os lugares de início e de fim do caminho.

17. A Vera foi (directamente) do teatro.
18. A Vera foi para o teatro.

O exemplo 15. apresenta um SP cujo núcleo é uma preposição trajectorial (SILVA-JOQUIM 1988). Nesse caso podemos conceber como lugar o "rasto" espacial do objecto que se move e que é também o objecto a localizar (cf, atrás o conceito de lugar). A localização é feita numa determinada região-de-vizinhança do objecto "teatro" e tem como características próprias ser uma região em forma de caminho e ser interior.

Em 16. o SP apresenta como núcleo uma preposição topológica. A preposição A caracteriza uma região-de-vizinhança do objecto de referência "teatro" que tem como particularidade ser um lugar num caminho. Não é no início nem no fim, mas no entremeio. Trata-se de uma região determinada numa fase do caminho.

A expressão de localização do exemplo 17. denota o início de um caminho, enquanto que em 18. estamos perante o final de um caminho. PARA é uma preposição topológica que denota uma região-de-vizinhança do objecto de referência caracterizada por ser um lugar no fim de um caminho maximal.

19. A Vera foi até ao teatro.
20. *A Vera foi até para o teatro.

A preposição ATÉ, que não pretendo analisar neste momento, apresenta a informação de continuidade espacial que atinge um limite, mas que não tem necessariamente de ser absoluto. Tem a ver certamente com a semântica de ATÉ e com a incompatibilidade com PARA o resultado não aceitável que obtemos em 20..

21. *A Vera foi no teatro.

O SP NO TEATRO tem como núcleo a preposição topológica EM que denota uma região-de-vizinhança total ou parcialmente fechada. Ocorre em expressões locativas, caracterizando portanto uma localização estática. Em 21. o objecto a localizar é, porém, um objecto em movi-

mento; por isso, o argumento que o verbo obrigatoriamente apresenta colide com a estrutura argumental da preposição.

Um exemplo para levantar algumas dúvidas a esta posição poderia ser

22. A Vera correu no teatro.

No entanto, NO TEATRO, em 22., parece não ser argumento do verbo CORRER, porque poderíamos ter

23. A Vera correu 100 m no teatro.

em que o argumento-caminho do verbo CORRER é preenchido pelo constituinte 100 m, e o SP NO TEATRO é complemento não obrigatório.

Para finalizar gostaria ainda de tecer algumas considerações sobre as preposições alemãs NACH e ZU. Não é meu intuito, porém, apresentar uma metodologia de análise contrastiva⁸, nem tão pouco uma descrição das referidas preposições.

Atentemos então, embora brevemente, nalguns aspectos da semântica de NACH e ZU. Tal como as preposições portuguesas PARA e A, são preposições topológicas típicas e, portanto, de 2-lugares.

24. Hans fährt nach Berlin.

25. Paul läuft zur Post.

Em qualquer dos casos, a localização parece ser feita no final do caminho percorrido, ou a percorrer, pelo objecto a localizar. A região de vizinhança assim determinada engloba BEI, AN e IN,

Mas que dizer das expressões seguintes?

26. Die Straße nach Leverkusen.

27. A estrada para o Porto.

Nestas ocorrências podemos conceber a região da localização quer como o caminho percorrido virtualmente por um objecto móvel, quer como um objecto em extensão, o objecto "estrada" que ocupa o seu espaço característico, do qual é unicamente focada a parte final.

⁸ Vide neste mesmo volume as comunicações de A. FRANCO e de SCHMIDT-RADEFELDT.

Como seria de esperar, a preposição portuguesa A não pode ocorrer nestas expressões:

28. *A estrada ao Porto.

Não cabe aqui, por razões de tempo, discorrer sobre "semântica de localização e expressão de medida", mas mesmo assim apontam-se aspectos que ajudam à clarificação do significado destas preposições.

A ocorrência de expressões de medida impõe a presença de um vector no espaço — uma direcção ou dimensão — sobre o qual se possa graduar. As preposições topológicas não apresentam qualquer direcção ou orientação. Esta informação ou nos é dada pelo verbo de movimento ou pela interpretação de "caminho" atribuída à preposição. Assim, como seria de esperar, podemos obter:

29. Hans fährt 800 km nach Berlin.

30. Paul läuft 10 km zur Post.

31. A Rosa correu 10 km para o correio.

32. *A Rosa correu 10 km ao correio.

O problema principal, porém, consiste em diferenciar NACH e ZU. Atendendo às idiossincrasias existentes no que respeita às subcategorias de nomes próprios, artigos e deverbativos, temos ainda que resolver a distinção entre⁹:

33. Der Weg nach der Stadt.

34. Der Weg zur Stadt.

As ocorrências em concurso parecem só poder ser explicadas pela caracterização espacial do objecto de referência e pela sua instanciação na representação conceptual¹⁰. De outras preposições topológicas como AN, IN e AUF, por exemplo, que em certos usos podem concorrer com interpretações atrás apresentadas, muito haveria a dizer. Ficará, porém, para uma outra ocasião.

As propostas agora apresentadas constituem parte de um projecto em curso, que deverá estar concluído em tempo próximo. Ganharão certa-

⁹ Estes exemplos são retirados de WAHRIG 1980.

¹⁰ Cf. SILVA-JOQUIM 1988.

mente em enquadramento teórico e tomarão o seu lugar natural dentro da problemática a que pertencem numa textura argumentativa que aspiro coesa, fluente e segura.

AGRADECIMENTO

Ao Professor Lindley Cintra, supervisor deste projecto, e ao Professor Dieter Wunderlich, da Universidade de Düsseldorf, agradeço a orientação recebida.

Agradeço o apoio que me tem sido dispensado pela Faculdade de Letras de Lisboa, pelo Instituto Nacional de Investigação Científica, pela Fundação Calouste Gulbenkian, pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e pelo Deutscher Akademischer Austauschdienst.

BIBLIOGRAFIA

- ARNOLD, B. H. 1974 — *Elementare Topologie. Anschauliche Probleme und grundlegende Begriffe*. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht.
- BENNET, D. C. 1975 — *Spacial and Temporal Uses of English Prepositions. An Essay in Statificational Semantics*. London, Longmann.
- BOLTJANSKIJ, V. G. e EFREMOVIC, V. A. 1986 — *Anchauliche kombinatorische Topologie*. Braunschweig/Wiesbaden, Vieweg.
- BÜHLER, K. 1934/1982 — *Sprachtheorie: Die Darstellungsfunktion der Sprache*. Stuttgart, Fischer.
- CUNHA, C. e CINTRA, L. F. Lindley 1984 — *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- FILLMORE, C. 1971/1975 — *Santa Cruz Lectures on Deixis*. Bloomington, Indiana, Indiana University Linguistics Club.
- GRICE, H. P. 1975 — *Logic and Conversation*, in COLE, P. e MORGAN, J. L. (Ed.): *Syntax and Semantics 3: Speech Acts*. New York, Academic Press.
- GRUBER, J. S. 1965 — *Studies in Lexical Relations*. Cambridge/Mass., MIT.
- JACKENDOFF, R. 1972 — *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge/Mass., MIT.
- JACKENDOFF, R. 1977 — *X Syntax: A Study of Phrase Structure*. Cambridge/Mass., The MIT Press.
- LOPES, O. 1972 — *Gramática Simbólica do Português. Um Esboço*. 2.ª Ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- LYONS, J. 1977 — *Semantics*. Vol. 1 e 2. Cambridge, Cambridge University Press.
- MATEUS, M. H. Mira et al. 1983 — *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra, Almedina.
- MILLER, G. A. e JOHNSON-LAIRD, P. 1976 — *Language and Perception*, Cambridge/Mass., Belknap Press.
- PERES, J. A. 1984 — *Elementos para uma Gramática Nova*. Coimbra, Almedina.
- SILVA-IOAQUIM, C. 1985 — *Draußen vor der Tür*. Lisboa, APPA.

- SILVA-JOQUIM, C. 1988 — Referências Espaciais — Algumas Considerações. Lisboa. Encontro Regional da Associação Portuguesa de Linguística em homenagem a Lindley Cintra, Imprensa Nacional (no prelo).
- WAHRIG, G. 1980 — Deutsches Wörterbuch. Mosaik Verlag.
- WILLIAMS, E. 1981 — Argument Structure and Morphology, in *The Linguistic Review* 1: pp. 81-144.
- WUNDERLICH, D. 1982 — Sprache und Raum, in *Studium Linguistik*, 12: pp. 1-19 e 13: pp. 37-59.
- WUNDERLICH, D. 1984 — Zur Syntax der Präpositionalphasen im Deutschen, in *Zeitschrift für Sprachwissenschaft*, 3: pp. 65-99.
- WUNDERLICH, D. 1984 — Raum und die Struktur des Lexikons. Conferência de Bochum em Honra de Hans Hörmann (5.6.1984)